

A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa

Denize Terezinha Teis e Mirtes Aparecida Teis

Índice

1 Introdução	1
2 Raízes históricas e fundamentos da abordagem qualitativa	2
3 Pesquisa do tipo etnográfico: um exemplo de pesquisa qualitativa	4
4 Considerações finais	7
5 Referências bibliográficas	8

Resumo

Embora a etnografia não seja, enquanto metodologia de pesquisa, algo significativamente novo, ainda não se coloca com clareza para muitos professores/pesquisadores. Com o intuito de preencher essa lacuna, esse artigo objetiva apresentar considerações teórico/práticas relevantes sobre a pesquisa do tipo etnográfico, classificada como qualitativa, e que ganha um espaço cada vez maior nas pesquisas educacionais. Busca-se, para isso, apresentar os princípios básicos da pesquisa de cunho etnográfico, exemplificando-a através de pesquisas realizadas em sala de aula e traçar, resumidamente, a história do surgimento da abordagem qualitativa de pesquisa da qual emergem as idéias da etnografia.

1 Introdução

A abordagem qualitativa tem se afirmado como promissora possibilidade de investigação em pesquisas realizadas na área da educação. Uma pesquisa com essa abordagem caracteriza-se pelo enfoque interpretativo. Desse modo, as técnicas de investigação não constituem o método de investigação (ERICKSON, 1989).

A pesquisa qualitativa observa o fato no meio natural, por isso é também denominada pesquisa “naturalística” (ANDRÉ, 1995, p. 17). Entre os tipos de pesquisa qualitativa está a do tipo etnográfico. Para que uma pesquisa seja reconhecida como do tipo etnográfico, deve preencher, antes de tudo, os requisitos da etnografia que tem como premissas a observação das ações humanas e sua interpretação, a partir do ponto de vista das pessoas que praticam as ações. Trata-se de gerar dados aproximando-se da perspectiva que os participantes têm dos fatos, mesmo que não possam articulá-la. Para conseguir captar esse sentido, as ações do próprio pesquisador precisam ser analisadas da mesma forma como as ações das pessoas observadas. Assim sendo, todo processo é interpretativo.

Discutir a realização desse processo em uma pesquisa do tipo etnográfico é o objetivo desse texto. Para isso, busca-se, nesse artigo, num primeiro momento, historicizar a abordagem de pesquisa qualitativa, apresentando-a como opção metodológica em pesquisas educacionais. Na sequência, explicitam-se os princípios norteadores da pesquisa do tipo etnográfico que possibilitam ao pesquisador realizar a “leitura” dos dados adquiridos no processo da coleta e apresentam-se exemplos de pesquisas etnográficas realizadas em sala de aula.

2 Raízes históricas e fundamentos da abordagem qualitativa

A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX. Foi na área das ciências sociais que primeiro se questionou a adequação do modelo vigente de ciência aos propósitos de estudar o ser humano, sua cultura, sua vida social.

Segundo André (1995, p. 17), Max Weber contribuiu de forma importante para a configuração da perspectiva qualitativa de pesquisa ao destacar a compreensão como o objetivo que diferencia a ciência social das ciências físicas e naturais. Para Weber, o foco da investigação deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações. Para compreender esses significados é necessário colocá-los dentro de um contexto. Essa idéia, defendida por outros estudiosos das questões humanas e sociais deu origem à perspectiva de conhecimento conhecida como idealista-subjetivista.

Essa perspectiva opõe-se à concepção positivista de ciência que busca, por sua vez,

fatos ou causas dos fenômenos sociais devotando pouca consideração pelos estados subjetivos individuais. A perspectiva positivista busca informações através de dados quantitativos que lhe permite estabelecer e provar relações entre variáveis operacionalmente definidas

Não aceitando que a realidade seja algo externo ao sujeito, a corrente idealista-subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo. Assim, em oposição a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, busca examinar o mundo como é experienciado, compreendendo o comportamento humano a partir do que cada pessoa ou pequeno grupo de pessoas pensam ser a realidade, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador (ANDRÉ, 1995).

É com base nesses princípios que se configura a abordagem de pesquisa qualitativa ou “naturalística” de pesquisa. André (1995, p. 17), assim conceitua essa abordagem:

Naturalística ou naturalista porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

Essa abordagem de pesquisa tem suas raízes teóricas na fenomenologia. Essa cor-

rente de pensamento contemporâneo vê-se envolvida com a utilização e com o desenvolvimento de metodologias que permitem ao pesquisador descrever a visão de mundo dos sujeitos estudados. Enquanto que para o positivismo a pressuposição da localização da verdade referente à sociedade reside no estudo de grandes contextos e de um número estatisticamente significativo de pessoas, numa perspectiva mais objetiva, a fenomenologia admite que é possível conhecer a sociedade a partir de contextos menores, a partir do estudo dos significados individuais possuindo um inegável componente subjetivo.

Conforme André (1995, p.18), a fenomenologia enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações que ocorrem em sua vida diária.

Na abordagem qualitativa de pesquisa também estão presentes as idéias do interacionismo simbólico, da etnometodologia e da etnografia. André (1995) conceitua cada uma dessas concepções.

O interacionismo simbólico assume como pressuposto que a experiência humana é mediada pela interpretação, a qual não se dá de forma autônoma, mas à medida que o indivíduo interage com o outro. Como se desenvolvem os significados é que constitui o objeto de investigação do interacionismo simbólico. Outro ponto importante nessa linha de pensamento é a concepção do *self*. O *self* é a visão de si mesma que cada pessoa vai criando a partir da interação com os outros. É, nesse sentido, uma construção social, pois o conceito que cada um vai criando sobre si mesmo depende de como ele interpreta as

ações e os gestos que lhe são dirigidos pelos outros. Assim, a forma como cada um percebe a si mesmo é, em parte, função de como os outros o percebem.

A etnometodologia não se refere ao método que o pesquisador utiliza, mas ao campo de investigação. É o estudo de como os indivíduos compreendem e estruturam o seu dia-a-dia, isto é, o pesquisador procura descobrir “os métodos” que as pessoas usam no seu dia-a-dia para entender e construir a realidade que as cerca.

A etnografia tem como principal preocupação o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. É a tentativa de descrição da cultura. A tarefa do etnógrafo consiste na aproximação gradativa ao significado ou à compreensão dos participantes, isto é, de uma posição de estranho o etnógrafo vai chegando cada vez mais perto das formas de compreensão da realidade do grupo estudado, vai partilhando com eles os significados.

Essas concepções de pesquisa permitem perceber que o componente subjetivo é um aspecto relevante na pesquisa qualitativa. Porém, embora a pesquisa quantitativa seja considerada objetiva, nela também existe o componente subjetivo, pois apesar de todos os controles metodológicos, a pesquisa quantitativa e suas descobertas são inevitavelmente influenciadas pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos. Tais fatores influenciam a formulação de questões e hipóteses da pesquisa, assim como a interpretação de dados e relações (ANDRÉ, 1995).

Desse modo, a pesquisa quantitativa também possui uma dimensão qualitativa, pois um pesquisador, ao fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos,

deixa transparecer, em sua análise, seu quadro de referência, seus valores e, portanto, sua dimensão qualitativa. As perguntas que realiza em seu instrumento estão marcadas por sua postura teórica, seus valores, sua visão de mundo. Logo, tanto na abordagem qualitativa quanto na abordagem quantitativa, a neutralidade inexistente.

3 Pesquisa do tipo etnográfico: um exemplo de pesquisa qualitativa

Segundo André (2005, p. 25), a etnografia é uma perspectiva de pesquisa tradicionalmente usada pelos antropólogos para estudar a cultura de um grupo social. Enquanto que o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura de um grupo social, a preocupação dos estudiosos da educação é com o processo educativo.

Existe, pois, uma diferença de enfoque nessas duas áreas, o que faz com que certos requisitos da etnografia não sejam cumpridos pelos investigadores das questões educacionais. Requisitos sugeridos como, por exemplo, uma longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias sociais na análise de dados são adequados para estudos antropológicos, mas não necessariamente para a área de educação. Desse modo, o que se tem feito, de fato, é uma adaptação da etnografia à educação, o que é denominado, segundo André (2005, p. 27) como estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito.

Segundo Erickson (2001), o trabalho etnográfico envolve a observação e participação de longo prazo em um cenário que

está sendo estudado, a fim de o pesquisador familiarizar-se com os padrões rotineiros da ação e interpretação que correspondem ao universo cotidiano local dos participantes. Conseqüentemente, o pesquisador aproxima-se do sistema de representação, classificação e organização do universo estudado. Nesse método de pesquisa a preocupação do pesquisador é com o significado, com a maneira própria com que as pessoas vêm a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca.

O etnógrafo tem como meios principais de coleta de dados a observação e os questionamentos. Esses, realizados por meio de entrevistas ou questionários são necessários para confirmar as ações aparentes das pessoas a partir da observação que, por sua vez, é chamada de participante porque se admite que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado.

Para Erickson (1989), a realização de uma pesquisa etnográfica dá-se a partir da pergunta: “o que está acontecendo aqui?” Responder a essa pergunta permite fazer com que o familiar se torne estranho e o comum se torne problemático e, com isso, muitos dados se tornem visíveis e possíveis de serem sistematicamente documentados. Erickson (1989), além disso, argumenta que a ênfase ao significado local é essencial para a definição de etnografia que procura caracterizar o sentido do ponto de vista dos atores, dos participantes, daqueles que estão sendo pesquisados.

Segundo Erickson (1984) a etnografia pode ser considerada como um processo deliberado de investigação guiado por um ponto de vista. O trabalho de campo é pesadamente indutivo, mas não existem induções

puras, isto é, o etnógrafo traz para o campo um ponto de vista teórico e um conjunto de questões explícitas ou implícitas. A perspectiva e as questões podem mudar durante o trabalho de campo, mas o etnógrafo tem uma idéia básica por onde começar sua pesquisa.

No contexto escolar esse tipo de pesquisa permite que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam os mecanismos de dominação e resistência no seu dia-a-dia, os mecanismos de opressão e de contestação, ao mesmo tempo em que são vinculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo. Por isso, mergulhar na realidade cotidiana é uma condição para que se possa compreender o que se passa na escola. É no cotidiano que a escola se revela como um espaço de confrontos e interesses entre um sistema oficial que distribui funções, determina modelos, define hierarquias, e outro, o dos sujeitos – alunos, professores, funcionários – que não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Em seu fazer cotidiano, esses sujeitos, por meio de uma complexa trama de relações que inclui alianças e conflitos, transgressões e acordos, fazem da escola um processo permanente de construção social.

Entre os princípios da pesquisa de cunho etnográfico que contribuem para o processo interpretativo característico desse tipo de metodologia estão a *reflexividade* e o *estranhamento*.

De acordo com o princípio da reflexividade, o pesquisador precisa estar em constante processo de reflexão a respeito do seu lugar e do lugar social dos seus participantes. Identificar a sua posição ontológica diante das questões em análise na comunidade e salas de aula investigadas é de fundamen-

tal importância para apresentar os fatos, segundo o ponto de vista dos participantes.

Nesse momento, vale seguir a orientação de Erickson (1984, p. 62) em “adotar a instância crítica de um filósofo, questionando continuamente os fundamentos do convencional, examinando o óbvio, aquilo que é tido por certo pelos participantes internos da cultura, que se tornou invisível para eles”.

Ao iniciar uma pesquisa, o pesquisador traz para a experiência certos esquemas de interpretação. Dessa forma, sua tarefa consiste em tomar cada vez mais consciência acerca dos esquemas de interpretação das pessoas observadas e acerca de seus próprios marcos de interpretação culturalmente aprendidos, que ele levou ao campo. O investigador deve ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo, pois como lembra Erickson (1989), o estudo etnográfico deve se orientar para a apreensão e descrição dos significados culturais dos sujeitos. Para frear, em alguma medida, a intuição irrefletida, é necessário estabelecer uma relação constante e dinâmica entre as perguntas de pesquisa e o trabalho de campo.

O grande desafio nesses casos é saber trabalhar o envolvimento e subjetividade, mantendo necessário distanciamento que requer um trabalho científico. Uma das formas de lidar com esta questão tem sido o estranhamento, um esforço sistemático de análise de uma situação familiar como se fosse estranho. Trata-se de saber lidar com percepções e opiniões já formadas, reconstruindo-as em novas bases, levando em conta, sim, as experiências pessoais, mas filtrando-as com apoio do referencial teórico e de procedimentos metodológicos específicos, como, por exemplo, a triangulação. Ou seja, além de utilizar

a observação em campo, realizada através da elaboração de notas que vão levar à possível construção de diários, pode-se fazer uso de entrevistas, questionários, gravações em áudio e vídeo, etc., sempre na tentativa de triangular os dados para a análise. Além disso, o pesquisador pode buscar, ainda, uma diversidade de sujeitos e diferentes perspectivas de interpretação de dados. Esses cuidados metodológicos e um forte apoio do referencial teórico podem ajudar a manter o distanciamento, diminuindo os problemas apontados (ANDRÉ, 1995).

O estranhamento possibilita ao pesquisador identificar e descrever fatos que estavam invisíveis, inclusive para ele. Esse desvelamento, como afirma Cavalcanti (1999), pode inclusive levar o pesquisador a se deparar com questões de sua própria identidade social que pode resultar em conflitos que precisam ser enfrentados para conseguir avançar no trabalho e mostrar a visãoêmica dos participantes.

Pesquisas como a de Spindler (1982) em contexto de sala de aula americana e de Pereira (1999) e Jung (1997) em contexto de sala de aula brasileira podem ilustrar o princípio do estranhamento.

Spindler (1982, p. 23), relata seu estranhamento em sala de aula ao afirmar que:

Tornar o estranho familiar não era o problema em fazer etnografia em escolas nos U. S. A. Quando eu [George Spindler] comecei o trabalho de campo em 1950 em West Coast, em uma escola elementar, o que eu observava era de fato muito estranho uma vez que era um espelho de minha própria cultura estranhada, eu não podia vê-la a princípio [...] mas, eventualmente, eu comecei a ver os professores

e os alunos como “nativos” engajados em rituais, interpretações, ocupando papéis, envolvidos em pequenas percepções seletivas, em conflitos culturais, em redes sociométricas [...]. Eu comecei uma transição cultural do familiar para o estranho e de volta para o familiar.

Na ocasião, George Spindler precisou estranhar a sala de aula, que era seu *locus* de trabalho, para poder entender, e verdadeiramente “ver” o que estava acontecendo na mesma. O princípio do estranhamento se faz necessário para o professor/pesquisador que volta seu olhar à sala de aula, principalmente, porque tudo o que ocorre nesse ambiente lhe parece “natural”. Alguns aspectos se tornam invisíveis aos olhos do professor/pesquisador que poderá naturalizar julgamentos e posturas tanto suas quanto de seus alunos. Por exemplo, o “barulho” em sala de aula poderá, em muitas das vezes, ser considerado como falta de atenção, desinteresse ou mesmo desrespeito (se forem tomados como base os padrões culturais conflitantes entre professor e alunos). Julgamentos como esses impossibilitam uma análise mais profunda a respeito da cultura da sala de aula.

Algumas pesquisas de sala de aula têm mostrado que, apesar do barulho, as crianças aprendem e participam positivamente das aulas. Outras pesquisas (JUNG, 1997; PEREIRA, 1999) mostraram que a forma de tomada de turno na sala de aula tem relação, em seus contextos de estudo, com os padrões culturais experimentados primariamente nas famílias. Esses estudos desmistificam algumas crenças e julgamentos como os já mencionados em relação ao comportamento dos alunos em sala de aula. Assim, para enten-

der os significados de ambientes complexos como a sala de aula, o estranhamento passa a ser um princípio de grande significação ao professor/pesquisador.

Jung e Pereira (1998) relataram sobre o princípio do estranhamento a partir de uma comunidade rural bilíngüe (alemão/português (brasileiro)), na região do oeste do Paraná.

Jung era oriunda do contexto por ela pesquisado, por isso, não percebia muitas questões relacionadas ao uso da(s) língua(s). Para ela, as questões relativas ao uso de língua(s) estavam naturalizadas. Desse modo, para que pudesse melhor “enxergá-las” foi necessário estranhar seu ambiente familiar.

Pereira, por sua vez, não tinha *background* rural e era negra e, por isso, uma pessoa estranha ao grupo da comunidade de estudo, majoritariamente constituída por pessoas brancas e descendentes de imigrantes alemães. Dado o grande distanciamento tanto cultural quanto étnico e lingüístico e, principalmente, pelo fato de a comunidade ter uma vivência comunitária manifesta em redes fechadas de relações sociais, fez-se necessário, primeiramente tornar o estranho familiar para, então, entender os significados e os usos das línguas bem como os padrões culturais peculiares da comunidade.

Conforme André (1995), em uma pesquisa de metodologia etnográfica, o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise de dados, o que permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho. A pesquisa etnográfica permite, assim, um plano de trabalho

aberto e flexível, em que os focos de investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados.

4 Considerações finais

Esse artigo, a partir de uma breve revisão histórica sobre a origem da abordagem de pesquisa qualitativa e da discussão sobre processo de pesquisa do tipo etnográfico, demonstrou que a etnografia é uma metodologia propícia para a pesquisa educacional, pois busca desvelar os significados que envolvem a cultura escolar como um todo, uma sala de aula em particular ou as interações interpessoais desenvolvidas no âmbito escolar.

Tendo em vista os princípios da reflexividade e estranhamento que caracterizam a pesquisa etnográfica, a ênfase incide sobre o processo, ao o que está acontecendo e não no produto. Sendo assim, o pesquisador deve perguntar-se frequentemente *o que está acontecendo aqui? Como tem evoluído?*

Em etnografia há preocupação com o significado, com a maneira com que as pessoas vêem a si mesmas (visão êmica, de dentro). O pesquisador tenta apreender e retratar a visão pessoal dos participantes. Para que possa melhor apreender os significados, o pesquisador deve aproximar-se ao máximo possível do grupo, mantendo com as pessoas envolvidas, um contato mais direto e prolongado.

Na pesquisa etnográfica a especificidade das ações, as perspectivas e significados dos atores sociais são considerados, assim como o contexto no qual estes estão inseridos. Ao descobrir a maneira de viver e as experiências das pessoas - a sua visão do mundo, os sentimentos, ritos, padrões, significados,

atitudes, comportamentos e ações –, o pesquisador também avalia suas próprias ações enquanto pesquisador e participante do processo de pesquisa.

5 Referências bibliográficas

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. *DELTA*, vol. 15, N° spe, 1999, p. 385-417.
- ERICKSON, F. Qualitative Methods in Research on Teaching. In: M. C. Wittrock, *Handbook of Research on Teaching*, 3. Macmillan Publishing Company, 1990: 119-158.
- ERICKSON, F. *What Makes School Ethnography "Ethographic"?* *Anthropology and Education Quarterly*: 1984, 15/1: 51-55.
- ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación. In: WITTRICK, M. C. *La investigación de la enseñanza, II*. Barcelona- Buenos Aires-Mexico: Paidós, 1989, p. 195-299.
- ERICKSON, F. Prefácio. In: COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de (orgs). *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- JUNG, Neiva Maria. *Eventos de letramento em uma escola multisseriada de uma comunidade rural bilíngüe (português/alemão)*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 1997.
- PEREIRA, Maria Ceres; JUNG, Neiva Maria. Quando o familiar se torna estranho e o estranho se torna familiar: duas experiências surpreendentes no campo de pesquisa. In: *Ciências e Letras*, FAPA Edição Especial. Porto Alegre/RS: 1998.
- PEREIRA, M. C. *Naquela comunidade rural, os adultos falam "alemão" e "brasileiro"*. *Na escola, as crianças aprendem o português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada*. Tese de doutorado. Campinas: ed. Unicamp, 1999.
- SPINDLER, George. *Doing the Ethnography of Schooling*. Waveland/USA: Press. Inc, 1982.